

MODERNIDADE E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA. CONQUISTA, INTEGRAÇÃO, DESTRUIÇÃO, CONFLITO E NEGOCIAÇÃO

Adilson José Gonçalves*

GRUZINSKI, Serge. *A guerra das imagens. De Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*. São Paulo; Cia das Letras, 2006.

Além de integrar a EHESS, Gruzinski é diretor de pesquisa do CNRS, da França. Quatro de seus livros já foram lançados no Brasil: *História do Novo Mundo*, com Carmen Bernard (Edusp, 2001), *A Passagem do Século 1480-1520* (Cia. das Letras, 1999), *Rio de Janeiro, Cidade Mestiça* (Cia. das Letras, 2001) – Gruzinski, Luiz Felipe de Alencastro e Tierno Monénembo participam com ensaios nesse livro, que contém setenta desenhos de Debret – e *O Pensamento Mestiço* (Cia das Letras, 2001).

Este é o quarto volume da série de obras voltadas para o entendimento do imaginário colonial, tendo eixo articulador as imagens, pensadas como instrumentos fundamentais da dominação espanhola e seu contraponto, a resistência indígena. O palco privilegiado, como em toda a tetralogia, é o México, que acompanha da chegada do europeu a contemporaneidade, apontando a questão da guerra das imagens, na sua profusão e proliferação na conquista, no barroco, nas guerras pela independência, nas expressões dos movimentos sociais da grande revolução de 1910, com o muralismo, até a contemporaneidade, na difusão televisiva, destacando a Televisa, como a revanche, a predestinação ao monopólio da comunicação de massas ou da indústria cultural, pelo próprio caráter inovador e criativo da mestiçagem.

Muitas vezes, injustamente, identificado como eurocentrista, Gruzinski, sistemática e continuamente em sua obra, vem apontando para a perspectiva da cultura mestiça na América latina, tendo como ponto de partida e reflexão o México colonial, ao qual raramente se refere como Nova Espanha. Postura que denota sua dificuldade e obsessão em lidar com a questão da dominação ou hegemonia européia na situação colonial, ou seja, não a vê, em hipótese alguma, como processo de mão única; a historicidade se define e

constrói na relação/interação com a realidade do indígena e suas formas de incorporação e negação do que é europeu na imposição, negociação, resistência, a partir do que é tipicamente indígena que se transforma no que passa a ser especificamente latino-americano, apontando na direção das identidades, tão presentes na história e na historiografia do continente, bem como em sua produção cultural no sentido *lato sensu*.

A mestiçagem que aparece no pensamento, no estilo de vida, na cultura material, na objetividade das relações sociais, indica o lugar da latinidade da América na História. Ou seja, não é um capítulo a mais, história pitoresca, periférica e pouco significativa, mas um dos elementos fundantes do Ocidente contemporâneo. Pois é a partir de sua inserção na dinâmica da chamada história universal, na perspectiva européia, que se instauram e inscrevem os princípios da modernidade e da mundialização, que se traduz nas grandes contradições que marcam a historicidade que permeia a atualidade (“que se traduz” está referido à perspectiva européia ou aos princípios da modernidade?). Dessa forma, a modernização, a globalização e a pós-modernidade são fenômenos que têm sua gênese no “confronto de culturas”, a européia diversificada e a variada indígena.

Sistematiza e problematiza suas temáticas a partir de um diálogo articulando passado e presente, o que fica mais claro com as questões apontadas enquanto questionamento da temática atual, apontando *Blade Runner* como emblemático da globalização e das reminiscências da cultura pré-hispânica.

Os historiadores têm grande dificuldade em lidar com a questão da mestiçagem, por preconceito e pela própria complexidade da sua historicidade, pois esta envolve um grande número de variáveis. O processo de recomposição permanente que a mestiçagem impulsiona aponta na direção de um movimento constante de recomposição, que privilegia as totalidades coerentes, estáveis e tangíveis. Aos autores que não conseguem perceber essas interações, costuma chamar de ocultores da história. Aponta na perspectiva de se pensar a inviabilidade de se lidar com o arcaísmo, com a proposição do pensamento selvagem, onde deixa evidente sua crítica ao estruturalismo genético. As relações com a antropologia são evidentes e suas críticas, contundentes.

A mestiçagem é um termo controvertido, complexo e crivado de apriores, apontando críticas contundentes às formas de utilização e às perspectivas de não entendimento da historicidade dos processos que ocorreram no México no século XVI. Na realidade, entende pelo termo a relação entre seres imaginários indígenas e sua interação com a realidade tangível, representada pela forma de vida oriunda de quatro continentes, Europa, América, África e Ásia.

Há pontos de contato e distanciamento entre as culturas que intercambiam suas estruturas gerativas e o universo simbólico. Um dos focos principais que define o diálogo

são as imagens. Culturas distintas e distantes no tempo e espaço, mas que encontram na iconografia e na retórica seus fundamentos. A troca/intercâmbio/diálogo se faz na “guerra das imagens”.

O grande desafio assumido pelo autor foi trabalhar com a longa trajetória da história mexicana, desde o descobrimento/encobrimento da América até as projeções da segunda década do XXI, ultrapassando os limites da história e adentrando na ficção e imaginação, parodiando a indústria cultural com *Blade Runner*. Da conquista a *Blade Runner*, torna explícita, desde a escolha do título da obra, a grande preocupação do autor, ou seja, historicizar “a guerra das imagens” da chegada do europeu ao continente americano à globalização, enfatizando conflitos, choques, negociação, simulação, dominação e cooptação.

Ao privilegiar as imagens, a iconografia, lida com a gama variada de suas expressões, a arquitetura, a pintura, a escultura ou a estatuária, os mapas, fotos, tv, cinema e as imagens das cidades, com o intuito não só de trabalhar com fontes, mas enfatizar a historicidade das diversas temporalidades que permeiam a construção da modernidade globalizada, gerada na confluência da expansão ultramarina européia com as populações indígenas do novo mundo.

A forma exemplar como constrói o texto diacrônica, mas não cronologicamente, da história mexicana que indica a da América Latina, apesar de todas as distinções e particularidades de cada formação social, indica a densidade da obra, pois complexo e denso o processo histórico com sua diversa temporalidades e territorialidades, abarcadas por suas balizas cronológicas, ou seja, a totalidade do percurso histórico do continente a partir da chegada do europeu. História eurocêntrica? A leitura do texto deixa muito evidente que não, ao contrário, a mestiçagem apontada desconstrói sistematicamente essa premissa.

Para muitos, o autor é essencialmente descritivo em suas obras, o que não é real. Na prática, tal descrição é a demonstração de um modelo de análise que parte da constatação da mestiçagem como categoria analítica e vivência histórica, no âmbito da história cultural. O detalhamento e a análise pormenorizada em cada temporalidade é a demonstração da assertividade das proposições enquanto hipóteses e modelos interpretativos, demonstrando a perspectiva da história cultural enquanto construção e diálogo entre uma dada postura ante o real e as múltiplas interfaces do diálogo entre os agentes históricos no viés de sua produção cultural, na análise do discurso e na constituição do imaginário.

Cada especificidade histórica é saturada de múltiplas temporalidades, que se amalgamam e definem. Na conquista, a expressão do confronto que se traduz no choque de culturas, apresentado como o deslocamento das posturas imaginárias de europeus medievais para o novo continente, que aponta como renascentista, o que não é visto numa ótica de crítica, da descoberta, do novo, mas como signo da reconquista, da expansão territorial,

da luta contra o ímpio medievalesco – outro da cristandade, oriental – não se destacando as particularidades dos indígenas na sua leitura saturada e impregnada de um imaginário que não o percebe na sua realidade. Assim, a cultura indígena não é compreendida, seus idiomas não são estudados e nem respeitados e sua imagética se confunde com o já visto ou imaginado.

No confronto a partir do choque vislumbra-se o novo de fato, que se processa na luta das imagens, pela dominação, cooptação, negociação e modelações/adaptações. Idolatria e satanização se mesclam no cenário do choque, justificando a ação dos conquistadores, sua “guerra santa ou justa” e a tentativa de hispanização/cristianização do México, que na realidade se apresenta como o espelho da América. A perseguição dos objetivos pragmáticos da conquista e colonização impregna o imaginário e as estratégias dos europeus, que, num primeiro momento, visam substituir as imagens dos cultos indígenas pelos da Virgem e Cristo crucificado, que deveriam ocupar o lugar das antigas divindades nos mesmos territórios de culto, ou seja, nos locais da tradição indígena, com sua concepção arquitetônica intacta. Abre, assim, um espaço significativo à manutenção das tradições, dos ritos, mitos e rituais da cultura indígena. A grande inovação do autor é perceber e evidenciar que tanto espanhóis, monoteístas, quanto, indígenas, politeístas, tinham na imagem de seus cultos um valor simbólico ímpar e similar, que substituíam muitas vezes a própria divindade ao invocá-la ou representá-la. Propicia a evasão das imagens e objetos de culto para locais afastados da administração colonial, representado pelos administradores laicos como eclesiásticos, criando territórios do sagrado e da tradição que só tardiamente serão vilipendiados pelos invasores.

No período compreendido entre a conquista e a institucionalização da colonização com seu caráter de empreendimento não planejado e articulado, dá-se a passagem da concepção de idolatria para a demonização das práticas ritualísticas e de culto dos indígenas, apontando o caráter mais autoritário da ação eclesiástica no controle das sociedades indígenas e a aceitação da tese da guerra justa. Na prática, o inferno na terra, sem o purgatório, objetiva-se no México/América Latina. Porém, caciques, elite religiosa, dissidência política, colaboram para romper os grilhões de autoridade espanhola e da indígena simultaneamente. A mestiçagem é o resultado inevitável que corrobora a presença ostensiva do espanhol nas tramas da vida colonial, porém com nítidos traços indígenas. Ou seja, emerge o novo, na cultura que é o imaginário colonial. A imagética cumpre o seu papel, agora no espaço arquitetônico e urbanístico redesenhado e reconstruído. Emerge com força e expressividade, o barroco. A cultura do espetáculo, da dramatização, da sensação, da sedução e do simulacro se instaura. Apresenta-se em todas as formas possíveis de

registro: do arquitetônico ao urbanístico, do tecido de uso cotidiano à tela, da missiva ao livro, da construção residencial ao edifício público e eclesiástico.

Assim, temos uma profusão de registros para flagrar a “guerra das imagens”, testemunhos inquisitoriais da mestiçagem, da chamada produção cultural da colônia e da sua complexidade histórica. Muitos desses monumentos/documentos ainda estão por serem estudados e incorporados à história e à historiografia.

O espetáculo exige uma cenografia que se traduz em amplo palco, a do milagre e do santuário. Estes são explorados com avidez pelos eclesiásticos e pelos colonos laicos. Porém, a ambigüidade é uma marca desde o processo da conquista, apontando para as chamadas culturas híbridas, tão bem desenvolvidas por Nestor Cancline (2001). Sua objetivação notória é a Virgem de Guadalupe, rainha da cristandade ou deusa da fertilidade, da mama pacha? Sua fisionomia, os símbolos nas partes encobertas pela indumentária, traem os reais anseios da população indígena. Essa ambigüidade é sugestiva em termos da cultura mestiça e do imaginário colonial que impregnam todos os níveis da produção cultural, a cultura *lato sensu* e a história do subcontinente até a atualidade, sendo assim a própria marca da modernidade e da globalização iniciados no XVI. A coerção e a repressão para delinear os contornos do possível, do aceitável em termos do híbrido, corporificam-se na prática no discurso do Santo Ofício, que atua como agente de defesa do patrimônio espanhol e europeu, em termos matérias e simbólicos.

No XVIII, os paradoxos dos hibridismos apontam para a ameaça do instituído espanhol e o seu processo de realinhamento da colonização tenta redefini-lo, momento em que ocorrem em vários territórios da América as lutas sociais com nítido caráter popular e contestatório do estatuto colonial. Há uma cisão nítida entre a direção popular e os guardiões da ordem. Abre-se a perspectiva de rupturas mais definitivas. A emancipação política se justifica pela permanência e opulência do barroco, que aprofunda a cisão entre a colônia e a metrópole pela mestiçagem. Inevitável, portanto, independentemente da conjuntura napoleônica. A independência é inevitável, as idéias iluministas são sincretizadas com as da mestiçagem.

Durante o XIX, a elite mexicana tenta controlar a manipulação e o uso da imagética oriundos do barroco como forma de orientar os anseios das massas, cooptando-os e destruindo-os, se possível. A Igreja, que perde terreno político com a emancipação e no chamado percurso da construção da Nação, se reconduz ao poder no final do século XIX, no chamado porfiriato, visto como liberal pelo autor, mas que foi uma ditadura ferrenha. Um paradoxo.

A imagética barroca só passa a ser superada enquanto discurso hegemônico com o muralismo, que flagra e registra sua leitura da história do México, apontando para suas

formas de percepção e expressão, mas que, apesar de seu significado de ruptura no plástico/estético e na historiografia, não atinge todos os segmentos populares. Mesmo quando passa a ocupar lugar de culto e ritual, e a empolgar o público de vários territórios do México nas caravanas, nas longas viagens de reconhecimento, identificação e ritualização. Uma nova forma de evangelização/doutrinação, laica e muitas vezes com perspectivas claramente revolucionárias, não desenvolvidas pelo autor, só delineada.

A ruptura, que particularmente indico como a “revanche dos deuses” é a expressão contemporânea da Televisa, a rede de TV que dissemina através de seus *studios* que têm repercussão em larga escala internacional. Assim, de *lócus* da conquista transforma-se em território da expansão de irradiação e veiculação de cultura mexicana massificada para a massa. Um atributo da modernidade, não crítica. Avança sobre a América Latina e sobre a população latina dos EUA e a própria Espanha, veiculando valores e imagens de uma cultura massificada que relê a trajetória inversa da conquista e colonização do imaginário. Agora, tendo como ponto de partida o território conquistado e colonizado que passa a exercer o papel de colonizador do imaginário contemporâneo, invertendo os passos e atributos da colonização clássica. Daí a analogia e as projeções com *Blade Runner*.

O escamoteamento da religião e da transcendência em benefício do consumo, fazendo, assim, daquilo que era apenas uma das engrenagens do barroco um fim em si mesmo – é abismo que separa a televisão do dispositivo colonial. Uma exploração sistemática de atração, ubiquidade e magia da imagem. A uniformização do imaginário, a recuperação das tramas populares – a lenda de Guadalupe – os aproxima. (p. 299)

A transmutação do barroco para modernidade ou até para a pós-modernidade, na perspectiva do autor, dá-se pela saturação do cotidiano pelas imagens do moderno que são impregnadas por aquelas do barroco, apesar de toda a lenta “guerra das imagens” instaurada pela indústria cultural, veiculando imagens de uma ordem social e política emolduradas pelo consumo de bens simbólicos e materiais. Sincretizam-se o sagrado e profano nos anseios da comunicação e do público, que se massificam.

Recebido em março/2006; aprovado em maio/2006.

Nota

* Prof. Dr. do Departamento de História da PUC-SP. Coordenador do Núcleo. Integrante do CEHAL/PUC-SP. E-mail: adilson.joseg@terra.com.br